



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E IDENTIDADE DE GÊNERO: NARRATIVAS DE PAIS E MÃES ACERCA DO SER MENINA NA INFÂNCIA

Sueli Bianco Santos*
(UESB)

Geovani de Jesus Silva**
(UESC)

Flávia Oliveira Barreto***
(UESB)

Iramar Lage Santos****
(UESC)

RESUMO

O trabalho se desenvolveu com o objetivo de investigar as concepções dos pais e das mães acerca do ser menina observando as permissões e interdições impostas por eles/elas às meninas entre 4 a 7 anos. Utilizamos a abordagem qualitativa, tendo como sujeitos da pesquisa pais e mães de diferentes idades e espaços de vivência. A construção dos dados deu-se por meio da entrevista narrativa. Neste caso, trataremos de buscar indícios que apontem para uma concepção de infância vigente no interior das famílias na contemporaneidade. Focalizaremos de que forma as distinções sexuais vêm sendo tomadas como pressuposto para instituir jeitos de ser e estar no mundo. Concluiremos esboçando as concepções de mães e pais acerca do ser menina, bem como a importância da liberdade de expressão para que elas construam as suas próprias representações.

PALAVRAS-CHAVE: Infância, Representações Sociais, Gênero.

* Professora de Educação Infantil do Município de Itagimirim/Bahia; Mestranda em Educação Científica e Formação de Professores – UESB. E-mail: sueli.biano@hotmail.com

** Professor assistente da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC; Doutorando em Educação pela FAE/UFMG. E-mail: geovanideporto@yahoo.com

*** Mestranda em Educação Científica e Formação de Professores – UESB – flaviaobs144@hotmail.com.

**** Especialista em Educação Infantil – UESC. E-mail: iramarls@hotmail.com



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

INTRODUÇÃO

A infância não é menos importante que nenhuma outra etapa da vida humana, é nessa fase que a criança inicia seu processo de apropriação e construção de saberes, entretanto este não acontece de forma autônoma e isolada; mas sim, por meio da interação das crianças entre si, com os adultos e com a sua cultura. “As crianças não constituem nenhuma comunidade isolada, mas sim uma parte do povo e da classe de que provém”. (BENJAMIN, 1984. p. 70).

É interessante perceber que desde cedo as pessoas são capazes de construir as suas próprias representações, embora a criança precise da mediação do adulto é de fundamental importância que esta se dê de forma equilibrada para que as ações espontâneas das crianças, não sejam consideradas infrações e por elas devam ser limitadas ou punidas. Ao adulto, cabe a importante papel de criar mecanismos para que as necessidades das crianças sejam plenamente atendidas. Assim sendo, certamente seu processo de construção de identidade pessoal acontecerá de maneira equilibrada e conseqüentemente se refletirá na vida adulta de forma positiva.

A opção por essa temática decorreu da nossa vivencia enquanto professoras/ coordenadora da Educação Infantil, desde agosto de 2008, o que nos possibilitou observar, ainda que de maneira superficial, que existe uma proposta de educação para ambos os sexos, essa se torna explicita por meio das formas de interação das meninas em relação aos brinquedos e brincadeiras, as cores das vestes e dos objetos por elas utilizados, bem como pelos discursos de pais, mães e por vezes das próprias crianças.

O enfoque desse estudo se estrutura a partir dos discursos produzidos socialmente e culturalmente acerca de infância e das relações de

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

gênero instituídas no interior das famílias a fim de compreender os efeitos que essas relações produzem no processo de construção identitária de meninas nessa faixa etária.

Para que essa análise se efetivasse, nos apropriamos dos métodos de investigação descritos na pesquisa qualitativa, pois Michaliszyn e Tomasini (2008, p.85) afirmam que: “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares, preocupando-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.”

Selecionamos como universo da pesquisa duas pré-escolas de dois municípios: Itagimirim e São João do Paraíso, Mascote-BA. O fato de realizar a pesquisa em municípios distintos deu-se por transitarmos diariamente seja enquanto residência ou local de trabalho. O distrito de São João do Paraíso e a cidade de Itagimirim têm apenas uma pré-escola cada, o que descarta o critério de exclusão.

A escolha dos sujeitos deu-se de forma não-aleatória, os critérios estabelecidos foram: ser pai ou mãe de menina entre quatro e sete anos; ter idade entre vinte e quarenta anos e diferentes níveis de escolarização; selecionamos seis pessoas do sexo masculino e seis do sexo feminino. Dos doze sujeitos escolhidos, concluímos a entrevista apenas com dez, por motivo da exaustiva jornada de trabalho dos sujeitos, não foi possível concluir a pesquisa com dois deles.

Escolhemos como instrumento de pesquisa a entrevista narrativa, onde as pessoas falaram de forma espontânea, livre e sem se prender a um roteiro determinado, constituindo-se narradores das suas vivências e das suas representações acerca da Infância, reconhecendo-se nelas e por meio delas. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002, p.57) nesse tipo de entrevista as pessoas



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

relatam sobre algum acontecimento importante de sua vida e do seu contexto social.

De acordo com os autores a entrevista narrativa tem como base uma questão gerativa referente à temática em estudo, cumprindo esse pré-requisito destacamos como questões gerativas, as seguintes possibilidades temáticas: Você chegou a sua casa e logo na porta encontrou sua filha jogando bola com apenas meninos. Como você agiria? Você está esperando um bebê nascer, após ter sido feito o exame de ultra-sonografia fica sabendo que o bebê é do sexo feminino, e você ganhou um enxoval todo azul. O que você faria? Por quê?_Você recebeu em sua casa um casal de amigos que tem uma filha da mesma idade da sua. De repente, você flagra-as se beijando na boca. O que você faz frente a uma situação como esta? Você só compra bonecas para a sua filha. No entanto, como presente de aniversário ela ganhou dos/das amigos/as carrinhos, bonecos, bolas, bolinhas de gude, pião, estilingue, e a partir daí ela começou a preferir esses brinquedos. O que você acha dessa preferência?

A História da infância sempre se inscreveu dentro da visão do adulto, assim, analisar o que foi escrito é um ponto importante para compreender como as crianças foram e ainda estão sendo percebidas e representadas pela sociedade ao longo dos anos. Áries (2006, p.16) afirma que “até por volta do século XII, à arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que a ausência deve-se a incompetência ou a falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo”. Nesse sentido são oportunas as palavras de Corazza (2000, p.81) “não existia esse objeto discursivo a que hoje chamamos infância, nem essa figura social e cultural chamada criança, já que o dispositivo de infantilidade não operava para, especificamente, criar o infantil”. A inexistência dessa categoria, conforme os registros da época assinalam que as crianças sempre foram os grandes ausentes da história.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Para compreender como a criança se situa no mundo é preciso entender o contexto no qual ela está inserida, pois, as suas representações se constroem mediadas pelos elementos que a circundam, estes são advindos de origens diversas: sociais, familiares, culturais dentre outros. Nesse sentido Meyer (2003, p.16) afirma que:

As representações sociais são elementos simbólicos que os homens expressam mediante o uso de palavras e de gestos. No caso do uso de palavras, utilizando-se da linguagem oral ou escrita, os homens explicitam o que pensam, como percebem esta ou aquela situação, que opinião formula acerca de determinado fato ou objeto, que expectativas desenvolvem a respeito disto ou daquilo.

Nesse quadro, podemos afirmar que os gestos, as falas, os espaços, as pessoas, os objetos são elementos materiais e discursivos que vão estar presente no processo de construção individual da criança. Pensando nisso, Apresentamos aos/as pais/mães a seguinte situação: Você chegou a sua casa e logo na porta encontrou sua filha jogando bola com apenas meninos. Como você agiria? “Ponho pra dentro de casa na mesma hora! (risos) Menina! Não deixo nunca!” (Praia, Jun./2009) dentro desse mesmo princípio, outro sujeito assim se expressa: “Chamaria a atenção dela e diria que não estava correto porque meninas brincam com meninas, o ideal seria que ela brincasse de casinha e com bonecas.” (Rio, jun. 2009).

Enquanto discutimos essas questões, tomamos ciência que imersos nessa dinâmica relacional e complexa é que as identidades se formam sob rótulos classificatórios. A atenção que deveria se dada a criança como forma de participação efetiva para o seu desenvolvimento, acaba sendo dispensada aos objetos que as crianças utilizam e as ações que elas praticam. A preocupação em elaborar imagens do feminino e do masculino acaba por ditar cores, brinquedos,



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

brincadeiras, companhias, espaços e roupas que julgam ideais para ambos os sexos, percebemos isso quando fizemos a seguinte pergunta a pais e mães: Você está esperando um bebê nascer, após ter sido feito o exame de ultra-sonografia fica sabendo que o bebê é do sexo feminino, e você ganhou um enxoval todo azul. O que você faria? Por quê? : Um dos sujeitos declara: “Por mim usaria. (Silêncio). Mas, considerando que a cor é também um fator determinante do sexo das pessoas, pensaria muito e certamente daria um jeito para trocar as roupas” (Solo Jun./2009).

É interessante perceber que a condição biológica das pessoas ainda evoca comportamentos, ditam cores, demarcam espaços e ocupações, assim, discriminam os sujeitos desde as formas mais sutis as mais complexas. As desigualdades, tanto em relação ao gênero quanto à raça, etnia, classe social, religião etc. são construções arbitrárias. Visto que, acabam por produzir representações que nem sempre são as almeçadas pelo sujeito. Contribuindo com essa discussão Minella (2006, p.294) declara que:

As “relações de gênero” são uma categoria destinada a abranger um conjunto complexo de relações sociais, bem como a se referir a um conjunto mutante de processos sociais historicamente variáveis. O gênero, tanto como categoria analítica quanto como processo social é relacional. Ou seja: as relações de gênero são processos complexos e instáveis [...] constituídos por e através de partes relacionadas.

Sendo parte integrante de uma sociedade que exclui e diferencia as pessoas com base no sexo, notamos que a aceitação desses modelos se dá sem sequer serem questionados, são adotados sem nenhuma análise dos efeitos que estes produzem na construção identitária dos sujeitos que se formam, isso é percebido quando formularmos a seguinte situação problema: Você só compra bonecas para a sua filha. No entanto, como presente de aniversário ela ganhou dos/das



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

amigos/as carrinhos, bonecos, bolas, bolinhas de gude, pião, estilingue, e a partir daí ela começou a preferir esses brinquedos. O que você acha dessa preferência? Pais e mães assim se expressam:

Nem sei como eu reagiria frente a opções como estas. Sou pai de duas meninas, as minhas filhas não têm contato com esses tipos de brinquedos. Eu e minha esposa não permitimos esse contato! Mais tarde, quando a mais velha tiver uns oito anos; se ela me pedir uma bola eu compro. Mas no momento não! (Vento, JUN./2009).

As reflexões parecem dar obviedade à presença da família, do estado e da sociedade no processo de construção particular da criança, pois, o processo de construção identitária é produto da vida cotidiana. Fica evidente que, sobre os corpos se constitui o ponto de encontro entre as relações sociais, culturais, religiosas e econômicas vivenciadas pelas pessoas. Portanto, a percepção que temos, é que se utiliza dos mesmos mecanismos de controle, sejam políticos, religiosos, culturais e econômicos para instituir os mesmos modos de vida visando garantir o mesmo controle social desenhado ao longo dos anos. Silva, (1990, p.19) sublinha que a “identidade marca o encontro do nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora.

É interessante observar que assim como as sociedades encontram-se em constante processo de mutação, os corpos e o que se pensava sobre eles também são mutáveis. Portanto, deve-se considerar que a construção das identidades dos sujeitos não se dá separado do corpo, das famílias, do tempo e dos espaços onde elas operam. Silva (2000, p.78) sublinha que “A identidade e a diferença não podem ser compreendidas, pois, fora dos sistemas de significação nos quais adquirem sentido. Não são seres da natureza, mas da cultura e dos sistemas simbólicos que a compõem.”



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

O processo de adestramento dos comportamentos e vontades das crianças dentro das famílias causa sérios conflitos, de um lado está a vontade da família de preservar hábitos e valores nos quais foram criados, do outro, a necessidade da criança de criar as suas próprias representações permeados pelos hábitos e valores do seu tempo. Assim, dominadas e submissas ao adulto elas são percebidas pela curiosidade, pela espontaneidade e pelas formas de expressar seus sentimentos. A preocupação é que essas manifestações espontâneas da criança, por vezes, são utilizadas como base para limitar e punir, isso foi percebido quando perguntamos a pais e mães o que fariam se de repente flagrassem a/o filha/o beijando na boca de outra criança do mesmo sexo. Eles/as assim se expressaram

É uma situação um pouco constrangedora. Acredito que eu sentaria e conversaria com as duas. Que talvez elas estivessem se beijando por inocência. Então, eu iria apresentar a elas a realidade (silêncio) Eu vou explicar para elas é que homem foi feito para a mulher, e a mulher para o homem. (sol, JUN./2009).

Finjo que não estou vendo nada (risos) saio de fininho (risos). Depois, quando estivermos a sós eu comento o fato ocorrido (risos). Em seguida direi: Minha filha! Você não pode beijar na boca de outra menina! Eu achei muito feio! (risos) ela vai sentir que eu não gostei e assunto encerrado (Areia, JUN./2009).

As marcas do preconceito e do limite estão muito presente na vida das crianças. Beijar uma pessoa do mesmo sexo na boca é transgressão, é pecado. A concepção de masculino e feminino expressadas nessa mensagem apresenta o modelo de relação exigida na sociedade, bem como a forma discursiva de exercer o poder sobre o corpo do outro. Não é raro ouvir discursos como esse, uma vez que crianças foram e continuam sendo punidas pelas suas ações; ainda que estas não representem mal algum. Desse modo, acredita-se que ainda exista uma



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

preocupação em continuar legitimando as mentalidades instituídas em torno dos corpos de homens e mulheres ao longo da história da humanidade.

Enquanto avançamos para compreender o processo de construção das novas identidades na infância deve-se considerar que a família é o espaço primeiro, onde os sujeitos iniciam seu processo de construção e a ele retornam durante toda a vida. Este também precisa ser revisto. Perceber que cada tempo e cada povo trazem características próprias é acompanhar as transformações que se põem em curso, enxergando as marcas de preconceito e exclusão que alimentam os discursos dos/das pais/mães, estes, permeiam a vida das meninas e retratam fielmente o tipo de vida que o adulto traçou para elas: Corroborando com essa discussão um pai assim se pronuncia:

Eu percebo que atualmente isso acontece com certa normalidade. Parece que temos que aceitar essa questão de homem beijar homem, mulher beijar mulher. Se isso acontecer com as minhas filhas (silêncio). Eu tomaria a Bíblia como objeto norteador da nossa conversa e falaria da criação do mundo, explicaria que Deus fez o homem e a mulher um para o outro. Contaria uma história evidenciando o casamento de pessoas do mesmo sexo criando situações que ficasse claro que relações desse tipo não são bem sucedidas (Ar, Jun./2009).

Constantemente a Bíblia é tomada como elemento norteador para delinear comportamentos, impor regras e limitar as ações dos sujeitos. Desse modo, declaramos que não estamos prontos para compreender, sequer respeitar os novos arranjos sociais que estão se formando, tampouco entendemos que novos tempos impõem novas formas de vida, novos modelos de construção identitária. Se isso não for percebido, certamente continuaremos exercendo o poder para educar o sujeito que queremos, utilizando os mesmos mecanismos de outrora para vigiar e punir as crianças quando transgredirem os padrões de comportamento esperado pelos adultos, isso pode ser constatado no relato desse pai.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

(silencio...) Essa questão eu já vivenciei (risos) Naquele momento eu falei: - O que é isso? (risos). Foi bem assim que eu falei! (risos) Em seguida chamei as duas meninas e convidei-as a sentar-se comigo no sofá, junto às outras pessoas. Percebi que elas ficaram assustadas. Claro que foi um choque para elas. Pois eu acredito que empiricamente já existe aquela consciência da naturalidade. Eu vejo isso! Dias depois, eu sentei com minha filha para conversar e perguntei para ela: Você já tinha visto a sua mãe beijar outra mulher na boca, ou o papai beijar outro homem na boca? Ela disse que não! Então eu falei: _ É natural que a mulher beije na boca de homem; e homem beije na boca de mulher. Isso é que seria o natural. Mas, que aquela ação que elas praticaram não era natural, no ponto de vista do ser humano. Entende? (risos). Depois da conversa, falei que daria duas tacadas nela. E dei! Sabe por quê? Porque eu acho que isso marcaria exatamente aquele momento que eu estava falando. Quanto à outra menina, depois eu conversei com a mãe (risos) e ela orientou-a. (risos). Eu não sei exatamente como ela procedeu. Nem questioneei! (risos) (Sol, JUN./2009).

Na sociedade atual as ações das crianças passam por um processo classificatório, ou seja, são conceituadas como boa/ruim; feia/bonita; normal/anormal; certa/errada, esses conceitos são elaborados simplesmente para demarcar posições hierárquicas entre quem define as formas de se relacionar na sociedade e quem deve obedecer a essas imposições. Silva (2000, p.81) evidencia que: “as relações de poder não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas”. As classificações das ações são, pois, formas implícitas de marcar a diferença; de demarcar territórios; de impor limite. Nesse sentido, são oportunas as palavras de um pai que ao flagrar sua filha beijando na boca de outra menina relata como se comportaria em relação ao evento “Levaria para o quarto e a disciplinaria. Explicaria para ela que menina tem que gostar de menino; mas que precisa esperar crescer pra se casar e ter seu maridinho. Diria ainda que a relação de menina com menina seja contra a lei de Deus” (Rio, Jun./2009)



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Na contemporaneidade, vivenciamos novas formas de se relacionar com o mundo, com o/a outro/a e consigo mesmo. Um tempo de quebra de paradigmas, de crise de identidade, crise da ciência, inserção de novas tecnologias, enfim, vivemos em constante processo de mudança. Nesse contexto, uma das preocupações é com a formação dos sujeitos, nesse âmbito, as concepções de educação de pais e mães merecem ser questionadas, a fim de propor que novas concepções de infância e de gênero se desenhem no interior das famílias. Louro (2004, p.126) Essa disposição de olhar talvez nos ajude a perceber a transitoriedade ou as transformações nas relações entre os sujeitos e certamente se constitui numa das formas mais efetivas de produzir conhecimento novo.

As discussões tecidas nesse trabalho visaram elucidar a concepção das/os pais /mães acerca do ser menina, buscando perceber como se dá a construção da identidade de gênero das meninas entre quatro a sete anos, bem como as representações que são construídas por pais e mães acerca do ser menina na infância.

Para esse fim, foram analisadas as produções dos sujeitos da pesquisa o que nos possibilitou refletir acerca da condição da menina na atualidade. Assim, foi possível observar que nove dos sujeitos entrevistados nessa pesquisa limitam as ações das filhas tomando seu sexo como pressuposto, se não pelas interdições dos brinquedos e brincadeiras, demonstraram que utilizam outros dispositivos como: castigos, cintadas, discursos dentre outras formas de punição para construir a representação de feminino por eles/elas almejada.

Os preconceitos com base no gênero apareceram sutilmente quando falávamos das preferências dos/as pais/mães acerca da escolha das cores, dos espaços e das relações de amizade estabelecidas pela criança. Para eles/elas tem brinquedos, brincadeiras, espaços, companhias, formas de ser e estar para ambos



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

os sexos. Assim, as crianças são limitadas de construir as suas próprias representações.

Nesse sentido, a vivência da infância dessas crianças em processo de construção de identidade pessoal está comprometida, muitas das contribuições que a liberdade de expressão e o direito de escolha poderiam proporcionar para o desenvolvimento sócio-cognitivo da criança acabam sendo limitadas pelas pessoas com as quais a criança inicia seu processo de socialização, simplesmente para perpetuar valores, crenças e tabus inscritos fora do sujeito e do seu tempo.

A forma como cada criança vivencia a sua infância esta diretamente relacionada com o contexto, as pessoas com quem mora, as interações que estabelece e a forma como as suas manifestações espontâneas são aceitas ou não. Assim sendo, é mediada por esses fatores que os sujeitos se constituem sujeitos da sua história.

A Relevância deste trabalho encontra-se exatamente na discussão da temática e na necessidade de se estabelecer um diálogo entre a família e a ciência, o que certamente abraça possibilidades de análise acerca da educação da criança no interior das famílias e conseqüentemente outras formas de pensar a educação da menina passa a ser instituída na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2. ed.- Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- BAUER, Carlos. **Breve História da Mulher no Mundo Ocidental**. São Paulo: Edições Pulsar. 2002
- BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

-
- CORAZZA, S.M.A. **História da infância sem fim**. Unijuí, Ijuí 2000
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. **O corpo educado: pedagogias de sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte: Autentica, 2004.
- MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e Educação: Teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- MICHALISZYN, Mario Sergio; TOMASINI, Ricardo. **Pesquisa orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- MINELLA, Luzinete Simões. Papéis sexuais e hierarquias de gênero na história social sobre a infância no Brasil. **Cadernos Pagu 26**, janeiro-junho de 2006.
- SILVA, Tomaz Tadeu. Retomando as teorias da reprodução. In: **Teoria & Educação**. Porto Alegre: Palmarinca, 1990.
- _____. A produção social da identidade e da diferença In: **Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais** /Tomaz Tadeu da Silva (Org.) Stuart Hall, Kathryn Woodward 2 ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2000.
- TEIXEIRA, Inês A. C.; PADUA, Karla C. Virtualidades e alcance das entrevistas narrativas. In: Congresso Internacional sobre pesquisa (auto) biográfica, II. **Anais...** Salvador: [s.n], 2006. CD-ROM.